

**Política e trabalho na transição do século XIX para o XX: estudo de trajetórias de integrantes do Centro Operário da Bahia**

**Aldrin Castellucci**

[aascastellucci@uol.com.br](mailto:aascastellucci@uol.com.br)

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

No início de outubro de 1895, o mestre de obras Domingos Silva, fez, através da grande imprensa, reiterados apelos aos trabalhadores para que estes participassem das eleições que seriam realizadas naquele ano. Em um manifesto intitulado “*Aos Operários*”, ele argumentava que “o direito de votar é um dos primeiros que distinguem e validam o cidadão perante o país, e por isso torna-se necessário e de alta conveniência, que todos, principalmente os pequenos e perseguidos, como nós, operários, não se abstenham nem se descuidem de qualificar-se eleitores, para não perder o direito de cidadão votante”. Informava que o período de alistamento se estenderia do dia 3 ao dia 13 daquele mês, e, justificava, “todos, sem exceção de um só, achando-se nas condições exigidas pela lei, devem constituir-se com o direito de votar, uma vez que lhes assiste também o direito de somente usá-lo, quando quiserem e entenderem”. O empenho do capitão Domingos Silva para convencer os trabalhadores a se envolverem na luta político-eleitoral daquele ano fora tão intensa, que ele chegou a formular e divulgar, em tal manifesto, um modelo de *petição* a ser preenchida pelos operários e encaminhada à junta qualificadora de seus respectivos distritos eleitorais, além de indicar os documentos e demais procedimentos necessários ao êxito do processo.<sup>i</sup>

Domingos Silva e seus companheiros não estavam sozinhos. A passagem do Império para a República foi marcada pelo surgimento de um forte clima de otimismo e grande expectativa, por parte de largos setores da classe operária, de melhorar a sua condição social e influenciar nos processos de decisão política do Brasil. De Norte a Sul do país, inúmeras organizações que se autoproclamavam operárias e socialistas foram fundadas.<sup>ii</sup> Em Salvador, um certo Partido Operário Bahiano fora fundado em 1890<sup>iii</sup>, mas, depois de várias dissensões internas relacionadas à eleição de representantes para a Constituinte daquele ano, transformou-se no Centro Operário da Bahia em 6 de maio de

1894.<sup>iv</sup> Mais tarde, um seguimento ideologicamente mais definido de seus militantes fundou o Club Socialista, em 1º de maio de 1901<sup>v</sup>, e a Federação Socialista Bahiana, em 14 de agosto de 1902.<sup>vi</sup> Em torno dessas três organizações, foram fundados, ao longo da primeira década do século XX, os primeiros sindicatos operários baianos.<sup>vii</sup>

Nosso argumento central nesta comunicação é o de que o Centro Operário da Bahia cumpriu um papel relevante nos arranjos políticos das elites baianas ao longo da Primeira República, conseguindo mobilizar amplos setores da classe operária para apoiarem determinados candidatos e chapas situacionistas ou oposicionistas nas eleições do período.

Nesse sentido, o ano de 1919 é emblemático, pois além de representar um momento de grande tensão e conflito interoligárquico, foi carregado de magnetismo entre a classe operária e as máquinas político-eleitorais. Na eleição de abril de 1919 para presidente da república, por exemplo, o grupo de Júlio Fernandes de Leitão, presidente do Centro Operário entre maio de 1917 e maio de 1919, hipotecou seu apoio à candidatura de Ruy Barbosa, ao passo que a outra facção daquela entidade juntou-se às organizações sindicais dos estivadores, carregadores, foguistas e marítimos, e pediram votos para Epitácio Pessoa, conforme desejo do então senador federal J. J. Seabra e do governador Antonio Ferrão Moniz de Aragão. Além disso, apoiaram o mesmo grupo oligárquico no pleito de janeiro daquele ano, em que seriam renovados a Câmara e 1/3 do Senado do Estado.<sup>viii</sup> Por sua vez, o mestre de obras Eugênio Antonio Cardoso, presidente do Centro Operário entre maio de 1919 e maio de 1921, aliou-se a outras lideranças, como o muito popular rábula Cosme de Farias, e, juntos, carrearam votos para J. J. Seabra no pleito que o consagrou governador da Bahia pela segunda vez, em dezembro de 1919.<sup>ix</sup>

Em alguns momentos, algumas lideranças operárias e socialistas apresentaram-se como representantes do operariado nas viciadas eleições da República Velha, principalmente para os cargos do legislativo municipal e estadual. Muitas vezes, as chamadas “candidaturas operárias” ou “candidaturas da classe operária” integravam uma das chapas das oligárquicas elites locais. Foi isso o que aconteceu na eleição municipal de outubro de 1919, na qual os nomes de Júlio Fernandes de Leitão, Prediliano Pereira Pitta,

Ismael Ribeiro dos Santos e Manuel Querino, todos antigos integrantes da cúpula do Centro Operário, foram apresentados como candidatos a conselheiros municipais numa chapa ligada à oposição capitaneada por Ruy Barbosa.<sup>x</sup>

Na maioria dos casos, nos momentos de pleitos institucionais e nas eleições para a diretoria do Centro Operário, os alinhamentos políticos levavam à formação ou ao estremecimento das facções, conflitos internos, dissidências e rearranjos. Nesse caso, nossa hipótese é a de que tais cisões no interior da associação estavam informadas pelo facciosismo dos partidos oligárquicos. O conflito interoligárquico parece ter sido transportado para o interior do Centro Operário, e o modo como ocorriam as lutas entre as facções operárias guardava uma semelhança muito grande com a forma como as classes dominantes disputavam o aparelho de Estado. Na eleição que escolheria os dirigentes da entidade para o quadriênio de 1903 a 1907, por exemplo, as chapas da situação – presidida por Fernando da Costa Bastos e apoiada por Ismael Ribeiros dos Santos – e da oposição – liderada por Domingos Silva – não chegaram a um consenso sobre o resultado do pleito. Enquanto os primeiros diziam ser os vencedores com 416 votos contra 121, seus antagonistas asseveravam que o resultado teria sido de 417 a 127 a seu favor.<sup>xi</sup>

A crise gerada pela duplicata de poderes, iniciada em abril de 1903, estendeu-se por anos, sempre tendo Domingos Silva, de um lado, e Ismael Ribeiro dos Santos, de outro. É que, tendo saído derrotado da contenda interna, Domingos Silva e seu grupo procuraram articular, ainda em 1903, seus contatos e aliados no jogo oligárquico, inclusive apelando para o presidente da república Rodrigues Alves e seus ministros J. J. Seabra, marechal Paula Argolo e barão do Rio Branco.<sup>xii</sup> Em maio de 1905, Domingos Silva e seu séquito realizaram reuniões visando a manifestar apoio à candidatura de Ruy Barbosa à presidência da república. Além disso, homenagearam o deputado federal João Neiva, cumprimentando-o por sua suposta “amizade pela classe operária”.<sup>xiii</sup> Em seu enfrentamento com a facção rival, Domingos Silva apelou, também, para a Justiça, interpondo uma ação contra o Conselho Executivo do Centro Operário empossado em 1903. Derrotado na 1ª Vara Cível, recorreu ao Supremo Tribunal de Apelação e Revista do Estado, que anulou a eleição de 5

de abril de 1903, destituiu o Conselho Executivo empossado a partir daquele pleito e ordenou que a diretoria anterior assumisse interinamente, procedendo a novas eleições. Porém, a vitória de Domingos Silva e seus aliados parece ter sido limitada, pois a antiga diretoria era presidida pelo próprio Ismael Ribeiro dos Santos, seu arquiinimigo. Ainda assim, Fernando da Costa Bastos opôs embargo ao aresto, alegando que seus opositores haviam sido expulsos do Centro Operário por estarem, há muito tempo, inadimplentes. De todo modo, a decisão favorável a Domingos Silva foi confirmada em outubro de 1906, mas, em fins de 1908, ele ainda ressentia-se dos recursos protelatórios e da desobediência às ordens judiciais praticadas por seus rivais. O clima de tensão entre as facções continuou, e nas eleições realizadas entre 1911 e 1915, foram registrados novos conflitos envolvendo Domingos Silva, Ismael Ribeiros dos Santos e diversos outros militantes do Centro Operário, além do chefe de polícia José Álvaro Cova.<sup>xiv</sup>

Por último, é preciso dizer que as relações da classe operária com os políticos tradicionais não parecem ter seguido uma lógica de mão-única. Os integrantes das máquinas oligárquicas também buscavam estreitar seus vínculos com os trabalhadores. Em maio de 1910, por exemplo, a *Gazeta do Povo*, órgão do PRD, emplacou uma matéria de primeira página intitulada “o voto operário”, na qual pedia aos operários do primeiro distrito eleitoral que votassem no doutor Freire Filho para deputado federal. O próprio presidente da república, Hermes da Fonseca, visitou a sede do Centro Operário, em julho de 1911, acompanhado de J. J. Seabra, recebendo o diploma de sócio honorário da entidade.<sup>xv</sup>

Desse jogo, então, estruturou-se uma rede de clientelismo por meio da qual o Centro Operário beneficiou-se de *isenções de impostos*<sup>xvi</sup>, doações, favores e recursos conseguidos ou mediados pelos *sócios honorários*<sup>xvii</sup> e *beneméritos*<sup>xviii</sup> e, fundamentalmente, das crescentes *subvenções diretas*, em dinheiro, que vinham dos poderes municipais, estaduais e federais, fartamente documentadas nos relatórios da entidade, e também conseguidas através daquelas figuras de prestígio e poder.

Esse comportamento dos membros do Centro Operário da Bahia não pode ser compreendido sem que consigamos saber, antes, quem eram aqueles sujeitos, qual era a

composição social daquela entidade e quais eram as forças políticas que atuavam no seu interior. Recuperar alguns elementos da biografia daqueles personagens não tem sido tarefa fácil. Uma fonte memorialística oficial de 1923 dava conta de que, quando fora fundado, em 1894, o Centro Operário possuía cinco mil membros.<sup>xix</sup> Pelos relatórios, pudemos verificar que tal número caíra para quatro mil em 1902-1903, e logo a média de filiados passou a ser de mais ou menos mil. Em 1916, eram 996, passando para 999 em 1917, 1.033 em 1918 e 1.200 em 1919. Ainda assim, são números altos para a época.<sup>xx</sup>

Nosso primeiro procedimento metodológico, então, foi compor uma lista dos sócios da entidade. Para tanto, usamos como fontes os já referidos relatórios, em geral anuais ou bianuais, nos quais encontramos os nomes completos dos dirigentes da organização, dos sócios falecidos, dos recém-integrados, dos desligados por inadimplência ou por outra infração dos estatutos, dos diretores eleitos / empossados, além dos sócios benfeitores, beneméritos e honorários, categorias nas quais podemos encontrar mais pessoas de fora do mundo operário. Por meio de crônicas de época, necrológios, manifestos, convocatórias, nominatas de chapas concorrentes em eleições e matérias publicadas na imprensa sobre o assunto, pudemos ampliar ainda mais aquela lista inicial.

O segundo passo foi, de posse daquela lista, que a essa altura já continha 352 nomes, verificar para quantos deles seria possível localizar testamentos, inventários e outros documentos da seção judiciária do Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB). Essas fontes são reveladoras não apenas da realidade material de uma sociedade – seus sinais e níveis de riqueza e de pobreza - o que por si mesmo já é muito importante; em nosso caso, elas também foram importantes indicadoras da filiação, cor, naturalidade, nacionalidade, estado civil, profissão ou ocupação exercida pelos atores em estudo, suas estratégias, estilos e condições de vida e de trabalho, as redes de solidariedade em que estavam envolvidos, inclusive indicando, muitas vezes, as entidades religiosas, mutualistas, sindicais e políticas das quais tinham feito parte.

De nossa amostra de 352 pessoas integrantes do Centro Operário da Bahia, conseguimos encontrar testamentos e / ou inventários para 64 deles.<sup>xxi</sup> Os dados ainda

estão sendo quantificados, mas, combinando as informações extraídas desse amplo e diversificado conjunto de fontes, chegamos a um quadro revelador. Até o momento, a pesquisa nos tem mostrado uma entidade formada basicamente pelo setor qualificado da classe trabalhadora, ou seja, pelos artífices. As evidências mostram, também, uma organização socialmente híbrida, isto é, além de agregar uma maioria de artesãos, ela abrigava também mestres, pequenos empreiteiros, pequenos proprietários de oficinas e até comerciantes, sem contar as muitas autoridades e profissionais liberais que integravam o Centro na condição de sócios honorários, beneméritos e benfeitores. Tudo indica que os trabalhadores desqualificados ou semiquualificados - os operários fabris, particularmente os do setor têxtil e fumageiro -, estavam excluídos de qualquer forma de organização autônoma, ou seja, estavam presos às beneficentes das empresas, ou sua presença era muito difusa e sem importância na base do Centro Operário. Os estivadores e marítimos e os carregadores, apesar de associados, respectivamente, ao Centro Defensor dos Trabalhadores do Mar na Bahia e à União Operária dos Carregadores, que, por sua vez, eram sociedades vinculadas à Federação Socialista, não parecem ter integrado organicamente o Centro Operário. Como a maioria dos nossos sujeitos históricos era formada por uma multidão negro-mestiça brasileira, e que um número muito grande deles nasceu de meados para o final do século XIX, portanto, sob o Império, é plausível supor que uma parte significativa desses homens tenha vivido sob a experiência da escravidão ou que seja descendente de escravos, fato que certamente deve ter influenciado em seu comportamento político, no modo como lidavam com a *lei*, na visão que tinham de mundo, nas escolhas ideológicas que faziam, no seu campo de ação e na forma como esses trabalhadores se relacionavam com as outras classes e frações de classe da sociedade baiana. Daí que um número muito grande de filiados tenha feito parte de uma verdadeira constelação associativa, formada por muitas irmandades religiosas negras, sociedades mutualistas, sindicatos etc., nas quais já faziam política desde o oitocentos.

A análise da amostra tem evidenciado, também, que aquele era um mundo masculino, em que as mulheres não podiam ocupar cargos de direção, nem mesmo filiar-se.

Elas eram, segundo a Constituição da entidade, apenas, as beneficiárias, juntamente com seus filhos. Isso talvez explique por que a associação tinha forte penetração no mundo artesanal, mas tivesse um desempenho pífio no setor fabril: era lá, principalmente nas fábricas têxteis de Salvador e de charutos das cidades do Recôncavo, que elas estavam, vivendo sob a rígida disciplina e controle paternalista dos patrões e de seus agentes. Como não podiam participar do Centro, algumas delas – as que pertenciam à fração de classe que dispunha de uma maior autonomia – resolveram criar a sua própria associação, a União Socialista das Costureiras.

Como bem observaram Claus Offe e Helmut Wieselth, os interesses de classe dos trabalhadores só podem ser *defendidos* na medida em que são *redefinidos* no próprio processo de construção de suas organizações.<sup>xxii</sup> A *redefinição de interesses* deve garantir coesão interna por meio da construção de uma identidade baseada no contraste dos interesses de classe dos operários e dos patrões. No caso do Centro Operário da Bahia, a pouca penetração no mundo operário fabril e a convivência entre artesãos e mestres de obras, empreiteiros, proprietários de oficinas e comerciantes, foi um dos fatores que obstruíram a construção de tal contraste e, por conseguinte, dificultou o processo de construção de uma identidade de classe operária.

<sup>i</sup> *Jornal de Notícias*, Salvador, 9 e 11 out. 1895, p. 2.

<sup>ii</sup> Ver, entre outros: PÁDUA, J. A. Valladares. *A Capital, a República e o Sonho: a experiência dos partidos operários de 1890. Dados - Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: IUPERJ, v. 28, nº 2, p. 163-192, 1985; LONER, Beatriz Ana. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas: Editora da UFPel., 2001; PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *Que a união operária seja a nossa pátria!:* história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações. Santa Maria: Editora da UFSM; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001, p. 55-134; SALLES, Vicente. *Marxismo, socialismo e os militantes excluídos: capítulos da história do Pará*. Belém: Paka-Tatu, 2001, p. 37-83.

<sup>iii</sup> *Jornal de Notícias*, Salvador, 8 e 29 ago. 1890; 3, 9 e 19 set. 1890; 13 e 15 dez. 1890; 18 fev. 1892; *República Federal*, 28 jul. 1890; 6 ago. 1890; 3 e 4 set. 1890; *A Voz do Operário*, Salvador, 19 set. 1891, 2 jan. 1894, 6 mai. 1894 e 2 jan. 1896.

<sup>iv</sup> Constituição do Centro Operário da Bahia. *Diário da Bahia*, Salvador, 30 mai. 1894; 8, 9 e 17 jun. 1894.

<sup>v</sup> *Jornal de Notícias*, Salvador, 28 mai. 1901 e 15 jul. 1901.

<sup>vi</sup> *Jornal de Notícias*, Salvador, 18 ago. 1902, p. 1; 13 ago. 1904, p. 1.

<sup>vii</sup> Os sindicatos eram a Liga Socialista Protetora dos Sapateiros, a União Socialista das Costureiras, o Centro Defensor dos Trabalhadores do Mar na Bahia - que aglutinava os estivadores e os marítimos -, a União Operária dos Carregadores – que se declarava “modelada” pelo programa da Federação Socialista Bahiana e “sindicada” ao Centro Defensor dos Trabalhadores do Mar -, a Liga dos Trabalhadores Socialistas, a Associação Defensora dos Trabalhadores em Construção, a Associação Unificadora dos Trabalhadores em Padaria, o Centro Unificador dos Sapateiros, a União dos Trabalhadores em Viação Terrestre da Bahia, o Sindicato dos Mecânicos da Bahia e o Sindicato dos Trabalhadores em Madeira da Bahia.

<sup>viii</sup> *O Tempo*, Salvador, 9, 10 e 11 jan. 1919; 14 fev. 1919; *Jornal de Notícias*, Salvador, 9 jan. 1919; *O Democrata*, Salvador, 9 jan. 1919; 11 mar. 1919.

- <sup>ix</sup> *O Tempo*, Salvador, 24 e 25 out. 1919; 10 nov. 1919; *Jornal de Notícias*, Salvador, 11 fev. 1920.
- <sup>x</sup> *Diário de Notícias*, Salvador, 17 out. 1919.
- <sup>xi</sup> *Diário de Notícias*, Salvador, 6, 7, 17 e 20 abr. 1903; 6 mai. 1903; *Correio da Tarde*, Salvador, 8, 14 e 30 mai. 1903; *Jornal de Notícias*, Salvador, 6 jun. 1903; 11 jul. 1903.
- <sup>xii</sup> *Diário de Notícias*, Salvador, 23, 26 e 30 jun. 1903; *Jornal de Notícias*, Salvador, 23, 26 e 30 jun. 1903; 1, 9 e 11 jul. 1903; *Correio da Tarde*, Salvador, 23 jun. 1903.
- <sup>xiii</sup> *Diário de Notícias*, Salvador, 8 mai. 1905, p. 2.
- <sup>xiv</sup> *Diário de Notícias*, Salvador, 18 nov. 1905; 29 out. 1908; 6 e 24 fev. 1911; 7, 9 e 24 mar. 1911; 1, 4, 7, 8, 11 e 17 abr. 1911; 6 e 8 mai. 1911; 27 e 28 fev. 1912; 5 e 14 mar. 1914; *Jornal de Notícias*, Salvador, 24 e 29 mai. 1912; 25 jun. 1912; 1, 3, 4, 10, 16, 18, 20 e 23 jul. 1912; 12 abr. 1915; *Diário da Bahia*, Salvador, 13 abr. 1915.
- <sup>xv</sup> *Gazeta do Povo*, Salvador, 25 mai. 1910; *Diário de Notícias*, Salvador, 12 e 17 jul. 1911.
- <sup>xvi</sup> Em 1912, por exemplo, foi apresentado um projeto ao Conselho Municipal de Salvador pelo qual concedia-se isenção de todos os impostos municipais à Cooperativa de Consumo do Centro Operário. O mesmo Conselho Municipal aprovou, e a Intendência de Salvador sancionou, outra lei isentando a entidade do pagamento do imposto de décimas em 1916. *Jornal de Notícias*, Salvador, 23 jul. 1912; CENTRO Operário da Capital do Estado da Bahia. Relatório apresentado pelo Presidente do Conselho Executivo, Capitão João Pedro Rodrigues Lima, à Assembléia Geral em sessão de 1º de maio de 1917 e na mesma aprovado. Referente ao Exercício de 1º de abril de 1915 a 31 de março de 1917. Bahia: Tipografia e Encadernação do Liceu de Artes e Ofícios, 1917.
- <sup>xvii</sup> Um bom exemplo da intermediação de figuras de prestígio na consecução de recursos para a entidade pode ser visto já em 1896. Naquele ano, o Centro Operário comprou uma nova sede, saindo da rua Direita do Palácio (depois rua Chile) e indo para o Palacete Ferrão, no Maciel de Baixo, comprado por 36:000\$000. O dinheiro para a operação foi inicialmente emprestado pelo Banco Emissor, mas como a sociedade ainda não dispunha de recursos para saldar a primeira parte da dívida, Ismael Ribeiro dos Santos conseguiu um novo empréstimo no Banco Auxiliar das Classes por meio de um contato com seu presidente, o conselheiro Antônio Carneiro da Rocha. RIBEIRO, Ismael. *A Voz do Operário Falando a Verdade*. s.c.p., 1930, p. 10-14.
- <sup>xviii</sup> O já citado relatório da entidade referente ao biênio de abril de 1917 a março de 1919 dava conta da existência de 45 sócios beneméritos entre autoridades públicas, parlamentares, professores, médicos, farmacêuticos, advogados, militares, clérigos, comerciantes e outros. Na longa lista, constavam os nomes do marechal Hermes da Fonseca, do senador J. J. Seabra, do governador Antonio Ferrão Moniz de Aragão, dos deputados federais Mário Hermes da Fonseca e João Augusto Neiva, do chefe de polícia José Álvaro Cova, do professor Torquato Bahia da Silva Araújo e outros. O conselheiro Braúlio Xavier chegou a ser agraciado com o título de presidente honorário do Centro Operário em 1913.
- <sup>xix</sup> DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DA BAHIA. Salvador: Imprensa Oficial do Estado da Bahia, p. 351, 2 jul. 1923. Edição Especial do Centenário.
- <sup>xx</sup> RELATÓRIO do Centro Operário da Bahia no Exercício Social de 6 de maio de 1899 a 31 de abril de 1900 apresentado pelo sr. Ismael Ribeiro, Presidente do Conselho Executivo e aprovado em Assembléia Geral de 12 de agosto de 1900. Bahia: Typographia Passos, 1900; RELATÓRIO do Centro Operário da Bahia. Exercício Social de 6 de maio de 1902 a 30 de abril de 1903, apresentado pelo sr. Ismael Ribeiro, Presidente do Conselho Executivo e aprovado em sessão de Assembléia Geral de 3 de maio de 1903. Bahia: Imprensa Moderna de Prudêncio de Carvalho, 1903; RELATÓRIO do Centro Operário da Bahia. Exercício Social de 6 de maio de 1908 a 5 de maio de 1909, apresentado pelo sr. Ismael Ribeiro dos Santos, Presidente do Conselho Executivo à Assembléia Geral e por esta aprovado em sessão de 20 de abril de 1910, sob a presidência do sr. Felipe Tranquilino de Castro. Bahia: Typographia e Encadernação do Lyceu de Artes e Ofícios, 1910; RELATÓRIO da Associação Cooperativa Centro Operário da Bahia, do Exercício de 1º de abril de 1912 a 31 de março de 1913, apresentado pelo Presidente do Conselho Executivo Prediliano Pereira Pitta, aprovado em Assembléia Geral de 18 de maio de 1913. Bahia: Typographia e Encadernação do Lyceu de Artes e Ofícios, 1913; CENTRO Operário da Capital do Estado da Bahia. Relatório apresentado pelo Presidente do Conselho Executivo, Capitão João Pedro Rodrigues Lima, à Assembléia Geral em sessão de 1º de Maio de 1917 e na mesma aprovado. Referente ao Exercício de 1º de abril de 1915 a 31 de março de 1917. Bahia: Typographia e Encadernação do Lyceu de Artes e Ofícios, 1917; CENTRO Operário da Bahia. Relatórios apresentados pelo Presidente do Conselho Executivo, Tenente Coronel Júlio Fernandes Leitão às Assembléias Gerais de 2 de abril de 1918 e 25 de abril de 1919 e nas mesmas aprovados. Referentes ao exercício de 1º de abril de 1917 a 31 de março de 1919. Bahia: Typographia e Encadernação do Lyceu de Artes e Ofícios, 1919; RELATÓRIOS do Centro Operário da Bahia apresentados pelo Coronel Eugenio Antonio Cardoso, Presidente do Conselho Executivo. Exercício de 1º de abril de 1919 a 31 de março de 1921. Bahia: Typographia e Encadernação do Lyceu de Artes e Ofícios, 1921.
- <sup>xxi</sup> A inexistência de inventários e / ou testamentos para os outros 288 membros pode ser explicada de duas maneiras: a primeira hipótese é a de que eles eram tão pobres, que não tinham nada a legar, portanto, não caberia recorrer aos serviços das autoridades para tal registro. Isso fortaleceria a idéia de uma organização essencialmente, embora não exclusivamente, operária. A segunda hipótese é a de que a documentação tenha sido extraviada, destruída, ou ainda, esteja indisponível, talvez em antigos cartórios. Essa também é uma possibilidade plausível. Por fim, a idéia de que tivesse acontecido um pouco das duas coisas também não é absurda.
- <sup>xxii</sup> OFFE, Claus & WIESENTHAL, Helmut. Duas lógicas da ação coletiva: anotações teóricas sobre classe social e forma organizacional. In: OFFE, Claus (org.). *Problemas estruturais do Estado capitalista*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984, p. 55-118.